

Os números mostram: um dos motivos da máxi não era verdadeiro.

Luis Nassif

Um dos argumentos mais insistentemente brandidos pelos defensores da maxidesvalorização do cruzeiro foi o da alegada perda de competitividade das exportações brasileiras, principalmente frente aos parceiros europeus. Alegava-se que as exportações brasileiras vinham caindo em função da valorização do cruzeiro frente às moedas européias. Por isso, a saída seria uma máxi.

Aqueles que encaravam a máxi com um pé atrás, ao contrário, sustentavam que a queda era provocada por uma retração do comércio mundial. Por isso, a saída não seria essa.

Antes de entrar no mérito de cada uma dessas hipóteses, vamos entendê-las melhor, e as razões para justificar ou não a adoção da máxi.

Problema de câmbio

No comércio mundial, vende mais quem tem preço mais barato. Ocorre que na troca entre dois países, os preços são fixados em função de dois fatores: o custo de produção do produto exportado e a taxa de câmbio. Assim, não basta apenas se ter menores custos de produção; é indispensável, igualmente, uma taxa de câmbio favorável.

O que é uma taxa de câmbio favorável?

Imagine que no dia primeiro de janeiro de um ano qualquer o Brasil exportasse uma partida de sapatos para a Borúndia. No Brasil, cada par custava Cr\$ 500,00. Na época, cada borúndia — a moeda da Borúndia — valia Cr\$ 5,00. Assim, cada par custaria 100 borúndias.

Seis meses depois, o Brasil exporta uma outra partida do mesmo modelo. Nesses seis meses, a inflação brasileira foi de 60%. Assim, cada par de sapatos já estava custando Cr\$ 800,00 no Brasil.

No mesmo período, a inflação da Borúndia foi de 5%. Para que o par continuasse custando a mesma coisa que antes, na Borúndia teria de ser vendido por 105 borúndias.

Mas, no mesmo período, o cruzeiro desvalorizou-se apenas 40% em relação à borúndia — cada uma passou a valer Cr\$ 7,00. Ora, Cr\$ 800,00 do par de sapatos, divididos pelos Cr\$ 7,00, significam que na Borúndia o sapato passará a ser vendido por 114,3 borúndias.

Ele deveria custar 105; está custando 114,3. Logo, o seu aumento, no período, foi de 9%. Reparem que esse aumento foi provocado unicamente pela política cambial, que deveria compensar a diferença entre a inflação dos dois países. Por isso, na verdade quem aumentou 9% não foi o sapato, mas o cruzeiro.

Era o que teria sucedido com o cruzeiro em relação às moedas dos países europeus. Ocorre que a política cambial brasileira é toda ela calculada em função do dólar. Nos últimos tempos, o dólar valorizou-se em relação às moedas européias. Como o cruzeiro foi atrás, também se valorizou. Assim, a única solução seria uma maxidesvalorização, que eliminasse essa valorização do cruzeiro, aumentando a

Comércio bilateral

Exportação/importação (período jan/nov)

	1981	1982	82/81
Alemanha Ocidental	20.5	32.1	+56,6
Argentina	52.8	16.5	-68,8
Arábia Saudita	-95.9	-91.3	+4,8
Bélgica-Luxemburgo	207.4	175.3	-15,5
Canadá	-41.9	-48.2	-15,0
Chile	113.3	-11.6	-110,2
China	-67.8	-72.3	-6,7
Dinamarca	311.8	389.0	+24,8
Espanha	303.5	316.3	+4,2
Estados Unidos	13.2	38.3	+190,2
França	41.6	67.1	+61,3
Iraque	-84.6	-86.7	-2,5
Itália	57.4	91.7	+59,8
Japão	0.2	43.0	+21.400,0
México	-17.6	-57.7	-227,8
Nigéria	4.8	-5.9	-22,9
Noruega	71.4	64.5	-9,7
Paraguai	119.1	84.6	-29,0
Países Baixos	620.0	776.9	+25,3
Polônia	668.0	64.0	-90,4
Reino Unido	117.9	176.5	+49,7
Suécia	-24.4	-37.0	-51,06
Suíça	-60.4	-61.7	-2,2
União Soviética	2851.1	181.6	-93,6
Uruguai	106.4	-0.1	-100,1
Venezuela	-59.0	-52.1	+11,7
Demais	46.0	73.2	+59,1

Fonte: Cacex

competitividade dos produtos brasileiros no mercado europeu.

A outra corrente sustenta que não houve perda de competitividade coisa nenhuma. Se o comércio mundial caiu, as exportações brasileiras também teriam de cair. Para constatar se ocorreu a perda de competitividade ou não, o que se tem de saber é se as exportações brasileiras caíram mais do que o comércio mundial ou não. Se não caíram, não houve perda de competitividade.

Essa diferença é muito importante na hora de se adotar uma maxidesvalorização. Que uma máxi provoca um aumento nas exportações, não há dúvidas. A questão, contudo, é que ela exige sacrifícios muito fortes por parte de toda a Nação. Por isso, os ganhos líquidos da máxi têm de ser muito expressivos para compensar os transtornos que provoca.

Vejam o que sucede, hoje em dia, com o comércio mundial. Tudo mundo quer exportar mais e importar menos. Essa disputa cria uma situação de equilíbrio sob tensão. Cada país tem sua fatia no bolo. Quem quiser avançar sobre uma fatia maior acabará encontrando reações dos parceiros.

O cenário

Tome aquelas duas hipóteses e analise-as nesse cenário.

Se um país está perdendo a competitividade, na prática significa que ele está perdendo uma posição que já havia sido conquistada, enfrentando o lobby dos produtores de calçados de um país, dos produtores de produtos siderúrgicos de outro, e assim por diante. Enfim, a picada já estava aberta.

Por isso, a máxi, de cara, devolve sem maiores dificuldades o que o País já perdeu. Depois, de acordo com a margem de ganho, permite-lhe avançar sobre o prato dos outros.

Mas, na segunda hipótese — a de que não teria ocorrido uma perda de competitividade dos produtos brasileiros —, a situação torna-se mais drástica. O País não vai recuperar o que era seu: vai desbravar territórios novos. Nesse caso, as dificuldades se avolumam. O aumento das exportações encontrará muito mais barreiras pela frente. Os parceiros mais fracos tratarão de adotar as suas próprias máxis, para reequilibrar sua posição. Os países mais fortes adotarão medidas protecionistas setoriais, destinadas a proteger a posição dos seus produtores, ante a concorrência dos produtos brasileiros, e assim por diante.

Com isso, os ganhos líquidos de uma máxi acabam sendo muito me-

nos expressivos, frente aos sacrifícios exigidos.

A prova da maçã

Agora, como conferir se efetivamente o cruzeiro estava valorizado ou não frente às moedas européias? Há duas formas principais: o cálculo da taxa efetiva de câmbio entre o Brasil e seus parceiros comerciais em um determinado período de tempo (onde se leva em conta o valor das moedas, a inflação, etc.) e a prova da maçã, magistral criação do professor Delfim Neto.

A prova da maçã foi apresentada pelo ministro há cerca de um ano, quando alguns economistas começaram a fazer os cálculos sobre a taxa efetiva de câmbio, tentando provar que o cruzeiro estava valorizado.

— As exportações brasileiras estão aumentando, não estão? Então não tem de provar nada. Se eu tinha uma maçã na mesa e como a maçã, fico sem nenhuma. E não adianta fazer cálculos.

Em síntese: os fatos podem provar que a teoria estava errada; mas a

recíproca é improvável.

Depois da máxi, o primeiro argumento levantado por Delfim foi o da suposta valorização de 40% do cruzeiro frente às moedas européias.

Pois vamos submeter os cálculos ministeriais à prova da maçã.

Entenda melhor a tabela acima. Ela mostra a balança comercial bilateral entre o Brasil e seus principais parceiros comerciais. As colunas 1981 e 1982 mostram a relação entre exportações e importações no período janeiro/novembro (últimos dados disponíveis da Cacex).

O número da primeira linha, por exemplo, significa que em 1981 as exportações brasileiras para a Alemanha foram 20,5% maiores do que as importações brasileiras daquele país. Em 1982 essa proporção passou para 32,1%. Na terceira coluna, compara-se um ano com o outro. Se o resultado é positivo, significa que a posição do Brasil melhorou no comércio bilateral com o país correspondente; se for negativo, é porque piorou.

Posição melhor

Dadas as explicações, tente encontrar na tabela a comprovação da fraqueza irremediável dos produtos brasileiros. Quanto aos países europeus, o Brasil melhorou sua posição relativa junto à Alemanha Ocidental (56,6%), Dinamarca (24,8%), Espanha (4,2%), França (61,3%), Itália (59,8%), Reino Unido (49,7%); e piorou em relação à Bélgica (-15,5%), Noruega (-9,7%), Suécia (-51,6%), Suíça (-2,2 %). Uma comparação: apenas as exportações brasileiras para a Alemanha são 52,4% maiores do que as exportações totais do Brasil para esses quatro países em relação aos quais piorou sua situação.

Repare na tabela que as maiores quedas no intercâmbio comercial brasileiro ocorreram em relação a países que experimentaram graves problemas cambiais — como a Argentina, o Chile, o México, a Nigéria, o Paraguai e o Uruguai.

Mais: as estatísticas disponíveis revelam que, no primeiro semestre do ano passado, aumentou a participação das exportações brasileiras sobre o total das importações de todos os grandes países europeus, em relação a 1980, ano em que as exportações brasileiras apresentaram bom desempenho.

Ora, que fraqueza é esta? O que se pode concluir é que o setor exportador brasileiro está sofrendo da síndrome do Obelix — aquele gordo e fortíssimo personagem de Asterix, o Gaulês, que vive alegando perda de força, a fim de provar do filtro mágico, restaurador de energia.